

Sexo nas nuvens: ciberorgias e a nudez conectada¹

Lucas Bragança²

Universidade Federal Fluminense – UFF

Resumo

Este artigo analisa as *ciberorgias* como fenômeno característico da cultura digital contemporânea. A partir da investigação de grupos de Telegram dedicados à troca de nudes e conteúdos íntimos, discute-se como o prazer e o desejo vêm sendo reorganizados por dinâmicas coletivas mediadas por plataformas digitais. A noção de ciberorgia é utilizada para pensar práticas sexuais participativas que extrapolam o privado e tornam o corpo uma peça visível em ecossistemas de sociabilidade erótica. O trabalho articula essas práticas às transformações na cultura da visibilidade, à lógica neoliberal e à economia da atenção.

Palavra-chave: ciberorgia; sexo; sexualidade; subjetividades; intimidade.

Introdução

Entre trocas de mensagens de texto, GIFs, emojis, nudes e vídeos de sexo caseiro, cada vez mais usuários se conectam diariamente em múltiplas plataformas apropriadas para o compartilhamento de conteúdo íntimo. Uma delas é o Telegram, aplicativo de mensagens instantâneas que permite comunicação por chats individuais e em grupo, chamadas de voz e vídeo, além de funcionalidades como canais, bots e armazenamento em nuvem. Sua estrutura técnica — que permite grupos com número elevado de participantes, a criação de canais de difusão e o anonimato relativo — o tornou uma ferramenta estratégica para comunidades eróticas digitais.

Nessas comunidades, algumas com centenas de milhares de membros, o sexo é menos um ato isolado e mais uma prática performativa e partilhada, estruturada em rede. Tais grupos configuram o que defini, em minha tese de doutorado, como *ciberorgias*: eventos sexuais mediados por plataformas digitais nos quais o desejo e a excitação são organizados coletivamente, envolvendo participação ativa e passiva, anônima ou identificada, de sujeitos conectados por redes digitais (Bragança, 2024).

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso, Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: lucasbragancafonseca@gmail.com.

Este artigo deriva de uma pesquisa de doutorado intitulada *Ciberorgias: Subjetividades e sexualidades homoeróticas na pornoesfera digital* (2024) desenvolvida entre 2019 e 2024, cujo foco principal foi compreender as formas contemporâneas de sociabilidade mediadas por plataformas digitais através do campo da sexualidade. A partir de uma abordagem qualitativa, que envolveu observação etnográfica de grupos com temática sexual no Telegram e aplicação de questionário anônimo com 285 respostas, analisam-se os modos como o desejo, o prazer e a nudez são compartilhados, performados e mediados em rede.

A escolha do Telegram não é arbitrária: sua estrutura favorece a formação de coletivos eróticos marcados por anonimato, ausência de censura e fluidez comunicacional. Nesses espaços, o prazer não se limita à excitação individual, mas se vincula à performance coletiva e ao reconhecimento simbólico obtido por meio de curtidas, reações e repostagens.

O título — *Sexo nas nuvens* — carrega uma metáfora que remete tanto ao ambiente digital (a "cloud") quanto à expressão popular que associa estar "nas nuvens" a momentos de êxtase ou devaneio. Ambos os sentidos se misturam para dar conta de práticas contemporâneas de sexualidade conectada, em um mundo no qual o sexo não se restringe mais ao físico ou ao privado.

A análise proposta não parte de uma abordagem moralizante nem entusiástica, mas busca compreender como as ciberorgias se apresentam como sintomas das transformações na cultura da visibilidade, nas formas de produção do desejo e nas reconfigurações da intimidade em tempos de plataformas digitais. Elas integram um vasto ecossistema que inclui videoconferências eróticas em plataformas como Zoom e Google Meet, fóruns temáticos no Reddit, grupos de WhatsApp e Instagram. O denominador comum está na transposição do erótico para o espaço digital e em sua dimensão coletiva — transformando o prazer em espetáculo compartilhado entre conhecidos e desconhecidos, anônimos e performers.

A estrutura do artigo organiza-se em quatro partes principais: primeiro, discute-se a circulação da nudez na cultura contemporânea; em seguida, descrevem-se os grupos no Telegram observados e as práticas sexuais coletivas neles realizadas; posteriormente, articula-se esse fenômeno à lógica neoliberal e às transformações nas subjetividades conectadas; por fim, apresentam-se as conclusões sobre o impacto sociocultural dessas práticas.

Ao mobilizar o conceito de *ciberorgia*, proponho contribuir com a construção de uma gramática teórica que nos permita compreender as novas formas de desejo, prazer e exposição que caracterizam as subjetividades digitais. Trata-se de pensar o sexo não apenas como uma prática corporal entre sujeitos, mas como um fenômeno estético, performático e comunicacional — onde o corpo é imagem, o prazer é mediado, e o outro é muitas vezes um algoritmo.

A circulação da nudez e a cultura do compartilhamento

A circulação de imagens íntimas entre sujeitos não representa novidade. Como lembra Paula Sibilia (2016), práticas de exposição de si se tornaram mais intensas com as transformações tecnológicas que moldaram as sociabilidades desde o final do século XX. O que difere, contudo, é a escala e velocidade: enviar um retrato nu pelo correio implicava mediação diferente da selfie compartilhada instantaneamente em grupo com centenas de milhares de participantes.

Com a consolidação das redes sociais e intensificação do uso de smartphones, a nudez deixou de ser conteúdo excepcional para se tornar mais um tipo de circulação imagética. Cada vez mais, o sujeito comum coloca-se não só como consumidor, mas como produtor de conteúdo erótico, o que Baltar e Barreto (2014) discutiram como *autopornificação*. Essas trocas transcendem momentos de prazer privado, constituindo-se como formas de comunicação e pertencimento em comunidades online. O nude, aqui, não é apenas imagem: é mensagem, convite, performance. Pode ser flerte, provocação ou tentativa de inserção em determinada cena. Ao expor o próprio corpo, o sujeito busca não apenas desejo, mas também reconhecimento quantificado através de comentários, elogios e reações.

Para compreender plenamente essas trocas na cultura contemporânea, é necessário situá-las no contexto das transformações da cultura visual e economias digitais. A exposição da intimidade tornou-se traço característico da cultura atual, na qual o "eu" se apresenta constantemente como espetáculo, atravessando também os circuitos sexuais digitais. A circulação da nudez deixa de ser apenas desvio ou transgressão e torna-se parte de novo regime comunicacional, no qual o corpo funciona como signo e interface.

McNair (2013) denominou esse processo como "pornificação da cultura": a inserção progressiva de elementos, códigos e práticas pornográficas no cotidiano. Não se trata apenas de mais pornografia circulando, mas de reorganização das fronteiras entre o

íntimo e o compartilhável. Nesse ambiente, as imagens íntimas ganham valor social, funcionando como moeda de troca, sinal de status dentro de grupos específicos. Nos ambientes de ciberorgia, operam como convite coletivo, promessa de participação e demonstração de pertencimento.

Essa busca por visibilidade conecta-se à "economia da atenção" (Simon, 1971), lógica que entende a atenção humana como bem escasso capitalizável. A circulação de nudes em grupos disputa a atenção dos participantes — quanto mais provocativa, explícita ou esteticamente elaborada a imagem, maiores as chances de obter respostas, elogios ou convites privados.

Nesse sentido, no contexto contemporâneo, o nude torna-se estratégia comunicacional sofisticada, operando simultaneamente em múltiplas camadas: desejo, comunicação, performance, pertencimento e arquivo. Essa multiplicidade transforma o ato de enviar uma imagem íntima em algo muito mais complexo que simples prática sexual — trata-se de atividade social integrada às lógicas da cultura conectada e às demandas neoliberais.

Telegram e as ciberorgias: prazer ou espetáculo?

Entre as plataformas digitais onde práticas sexuais ocorrem, o Telegram ocupa posição estratégica. Suas funcionalidades permitem a criação de grupos sem limite de usuários, troca irrestrita de arquivos e manutenção de canais interligados por sistemas de divulgação cruzada. A dinâmica de participação nesses grupos articula anonimato, performance e espetáculo coletivo.

O ingresso geralmente ocorre por meio de links compartilhados em outras redes ou entre conhecidos, dando acesso imediato a um fluxo contínuo de mensagens e arquivos multimídia, especialmente nudes e vídeos íntimos. Muitos participantes utilizam pseudônimos, avatares ou imagens genéricas, mantendo um equilíbrio entre anonimato e exposição. Nesse espaço, o objetivo não é apenas o prazer individual, mas também a busca por atenção, reconhecimento e prestígio simbólico dentro daquela comunidade. Essa lógica cria uma experiência marcada por fluxo incessante de conteúdos, no qual prazer, curiosidade e voyeurismo se misturam. Administradores e participantes mais ativos atuam como curadores desse arquivo coletivo de desejo, estimulando postagens e mediando interações.

São frequentemente organizados "eventos" específicos: "sextas do *pack*" — quando os usuários compartilham conjuntos de fotos íntimas —ou mesmo as *watch parties* pornô — ocasiões em que participantes se reúnem em salas de videoconferência para assistir produções pornográficas enquanto se masturbam coletivamente, observando uns aos outros. Essas práticas reforçam o caráter participativo das ciberorgias, transformando o consumo de pornografia em ritual compartilhado, no qual o desejo circula em rede e se descola da lógica do consumo solitário típica da pornografia convencional.

Há também práticas recorrentes de avaliação coletiva de nudes, nas quais usuários postam imagens acompanhadas de enquetes ou pedidos de opinião, abrindo espaço para comentários anônimos que variam entre elogios e críticas. São comuns ainda os "desafios temáticos", como dias dedicados a fantasias específicas (cueca branca, espelho, tatuagens), criando pequenas campanhas internas que estimulam a criatividade e o engajamento. Nessas práticas, a participação pode ser tanto ativa, com o envio de conteúdos, quanto passiva, como observação do fluxo contínuo de imagens e reações e a construção de reputação dentro dos grupos está atrelada à frequência de postagens, à estética das imagens e ao engajamento obtido — criando uma lógica de capital erótico que regula informalmente os status dos participantes.

Para além da postagem de conteúdos eróticos, a própria organização interna desses espaços revela códigos e comportamentos específicos. Esses grupos não funcionam de maneira anárquica: possuem regras explícitas, moderação contínua e rituais estabelecidos. É comum que participantes aguardem momentos específicos para enviar seus nudes, respeitando uma espécie de etiqueta interna construída pela repetição dos comportamentos.

A circulação de imagens e vídeos obedece a uma lógica coletiva e hierárquica, mediada por curadores informais que garantem a atualização do fluxo. Essas figuras atuam quase como editores, sendo reconhecidas pelo "bom gosto" ou pela capacidade de manter o coletivo permanentemente abastecido com novidades. Esse jogo entre produção e curadoria não se resume ao ambiente público do grupo. A relação entre os participantes frequentemente ultrapassa seus limites formais, migrando para conversas privadas, trocas direcionadas e até encontros presenciais. Desse modo, os grupos funcionam tanto como espaços de excitação coletiva quanto como pontos de partida para conexões mais íntimas e personalizadas.

As ciberorgias, portanto, não substituem a sexualidade "analógica", mas criam novas possibilidades para a experiência erótica contemporânea, ampliando os modos de estar com o outro e de ser visto. Há, contudo, um deslocamento perceptível no centro de gravidade do prazer: antes ancorado no toque e na materialidade dos corpos, agora também sustentado pelo reconhecimento social obtido através da imagem e da performance. Trata-se de uma experiência híbrida, na qual o físico e o digital se sobrepõem em um jogo contínuo de presença e espetacularização. Como defendo em minha tese, as ciberorgias produzem uma experiência de prazer menos centrada no orgasmo físico e mais sustentada pelo reconhecimento público e simbólico obtido no coletivo (Bragança, 2024).

Pornografia, neoliberalismo e subjetividades conectadas

As ciberorgias evidenciam o entrelaçamento entre práticas sexuais e dinâmicas culturais próprias de um contexto neoliberal, no qual as pessoas se tornam empreendedoras de si mesmas (Sibilia, 2016; Illouz, 2011). Nessa lógica, o corpo não é apenas fonte de prazer, mas também um produto a ser exibido, negociado e consumido.

Como apontam Jorge e Sibilia (2019, p.10-11), o neoliberalismo conseguiu capturar até mesmo os impulsos desejantes, graças aos tentáculos do consumismo e reverberações da "sociedade do espetáculo". A racionalidade instrumental atravessou corpos e subjetividades, embora com formatos menos rígidos que o ideal normalizador anterior. No caso das ciberorgias, essa racionalidade se expressa pela forma como o corpo passa a ser tratado como mercadoria simbólica, um bem a ser compartilhado em busca de reconhecimento, aprovação e valorização. Mostrar-se nu torna-se, muitas vezes, uma forma de estar visível — de marcar presença em um universo saturado de imagens e de competição por atenção.

Judith Butler (2003) já havia demonstrado como as identidades de gênero e sexualidade são performativas, ou seja, constituídas na repetição de atos sociais reconhecíveis. Esse raciocínio pode ser estendido às performances eróticas digitais: o sujeito performa sexualidade para um público, ainda que mediado por pseudônimos e perfis anônimos, reconhecendo-se e sendo reconhecido nessa operação.

Esse reconhecimento não é desprovido de estrutura econômica. A pornografia participativa, conforme apontado por Paasonen (2011), não pode ser compreendida fora do contexto mais amplo da cultura do consumo e das indústrias criativas. Os *packs de*

nudes, os conteúdos exclusivos, as transmissões ao vivo — mesmo nos grupos gratuitos do Telegram — replicam práticas de plataformas comerciais como OnlyFans e Chaturbate. Ainda que essas trocas não envolvam necessariamente benefício financeiro para os sujeitos, participam de uma lógica de valorização e capitalização do desejo.

A partir das ciberorgias, podemos repensar a proposta de McNair sobre a "pornificação da cultura". Não se trata apenas de ver ou ser visto, mas de participar ativamente de uma dinâmica em que a imagem do corpo é convertida em valor social. Estaríamos saindo de uma "sociedade pornificada" para uma sociedade pornógrafa (Bragança, 2024). Nessas dinâmicas, não basta apenas participar: é necessário destacar-se. Ser notado entre centenas de milhares de participantes requer estratégias específicas — desde a escolha do ângulo do nude até a adoção de posturas mais provocativas ou a utilização de legendas sugestivas. A atenção torna-se, portanto, um recurso escasso e desejado.

Essas práticas também tensionam os limites entre esfera íntima e pública. Como argumenta Paula Sibilia (2016), o espetáculo do eu tornou-se uma das principais características da cultura contemporânea, e essa espetacularização se estende ao sexual. A autopornificação é uma das faces desse processo mais amplo de construção do eu como imagem pública.

As práticas de ciberorgia escancaram ainda um fenômeno que Illouz (2011) descreveu ao tratar da "emoção como mercadoria": a forma como sentimentos, desejos e afetos passaram a ser mediados por lógicas mercadológicas. No contexto específico das ciberorgias, o desejo se torna também espetáculo, consumo e mercadoria simbólica. Assim, se o corpo já foi entendido, em outras tradições teóricas, como território de resistência ou lugar da experiência singular e autêntica, no contexto das ciberorgias esse território torna-se híbrido, operando simultaneamente como intimidade e publicidade, como erotismo e imagem. O caráter colaborativo das ciberorgias reforça a percepção de que estamos diante de um novo arranjo subjetivo no qual o prazer é vivenciado menos como realização íntima e mais como circulação social.

Essa mutação do prazer sexual em espetáculo compartilhado não significa o fim do desejo individual, mas sua inserção em um regime estético, simbólico e econômico próprio da cultura digital contemporânea. Como argumento em minha tese (Bragança, 2024), o orgasmo físico permanece importante, mas passa a ser apenas uma parte de uma

engrenagem maior: a experiência totalizada do gozo conectado, que envolve produção, circulação e reconhecimento.

Conclusão

As ciberorgias, tal como analisadas nos grupos do Telegram, configuram sintomas evidentes das transformações profundas nas formas como experimentamos o prazer, o desejo e a intimidade em tempos de plataformas. Se, no passado, o sexo coletivo exigia encontros presenciais e organização complexa, hoje ele pode ocorrer em questão de segundos, a partir do clique em um link ou do compartilhamento de um convite. Esta transposição para o ambiente digital não elimina o prazer físico, mas cria novas camadas de excitação, associadas ao reconhecimento público, ao jogo de olhares mediado pelas telas e ao pertencimento a uma comunidade virtual.

É importante destacar que esta pesquisa se concentrou prioritariamente em grupos formados por homens gays. Essa escolha não foi aleatória: como argumenta Illouz (2011), os gays estão, em muitos aspectos, à frente do tempo no que diz respeito à experimentação de novas formas de sociabilidade sexual. Contudo, a pesquisa empírica desenvolvida durante a tese revelou a participação de pessoas de variadas idades e sexualidades. Das 285 respostas ao questionário, cerca de 90% já havia enviado e recebido nudes, sendo que as respostas foram realizadas por pessoas com idades entre 18 e 59 anos de diversos gêneros e orientações sexuais.

O estar "nas nuvens" revela um traço fundamental da contemporaneidade: o prazer não se finda no toque, mas também no trânsito das imagens, nos algoritmos que calculam engajamentos e nas reações instantâneas de outros usuários conectados a quilômetros de distância. Essa transformação abre possibilidades e impõe desafios. Por um lado, evidencia o potencial criativo, expressivo e comunicativo da sexualidade humana. Por outro, expõe também as vulnerabilidades de uma cultura que negocia intimidade com plataformas que operam por lógicas comerciais.

As rápidas transformações tecnológicas, como as inteligências artificiais e o metaverso, têm potencial para amplificar ainda mais essas dinâmicas. A possibilidade de avatares hiper-realistas, ambientes virtuais imersivos e interações mediadas por IA sugere que podemos estar apenas no início de uma transformação muito mais profunda nas formas de experimentar a sexualidade conectada.

Ao nomear e analisar esses fenômenos, este artigo contribui para o campo dos estudos sobre comunicação, sexualidade e subjetividade, oferecendo uma chave interpretativa para compreender como o erotismo se reconfigura em tempos de plataformas. As ciberorgias marcam uma nova etapa no modo como os corpos se conectam — não mais apenas em presença física, mas na velocidade de bytes e nuvens, transformando o erotismo em espetáculo e experiência compartilhada.

Referências Bibliográficas

BALTAR, M.; BARRETO, N. (2014). As pornificações de si em Diário da Putaria. In: **Anais do XX Encontro Anual da Compós.**

BRAGANÇA, Lucas. **CIBERORGIAS**: Subjetividades e sexualidades homoeróticas na pornoesfera digital. Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2024. 263 f. Disponível em: < <http://bit.ly/4k3UnwR> >. Acesso em 15 de jun. de 2025.

BROWN, W. (2019). **Nas ruínas do neoliberalismo**. São Paulo: Editora Politeia.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, M. (2017). **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra.

ILLOUZ, E. (2011). **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar.

MCNAIR, B. (2013). **Pornô? Chic! A pornografia na cultura contemporânea**. São Paulo: Autêntica.

PAASONEN, Suzana. **Carnal Resonance**: Affect and Online Pornography. Cambridge: MIT Press, 2011.

SIBILIA, P. (2016). **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SIMON, Herbert. (1971). **Designing Organizations for an Information-Rich-World**. Balti-more, MD: The Johns Hopkins. Press, 1971.